

ORDEM DOS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS

CONFRARIA DO TEMPLO

“A SAGA DOS MONGES GUERREIROS”

Paulo Fernandes da Silveira, 33º
A.:R.:L.:S.:Templários de Brasília nº 21
Membro Emérito do Supremo Conselho

INTRODUÇÃO

Aparentemente a Ciência Histórica já explorou quase que completamente a Idade Média – idade das trevas ou período negro. Entretanto, continuam até hoje muitas dúvidas a serem esclarecidas sobre aquela época. Indiscutivelmente, “A Ordem dos Cavaleiros Templários” é uma delas pois nos legou, talvez, o maior dos enigmas daquele período trevoso e conturbado da Europa Medieval.

1. SOCIEDADE FEUDAL NO SEC X DA ERA CRISTÃ

A Sociedade Feudal nos meados do Séc X da era cristã, época em que nos situaremos, conhecia basicamente três valores principais: *O homem – A terra - O cavalo.*

O Homem, era a síntese de todas as coisas. Tinha todos os direitos. Vivia da habilidade manual. Na sua quase totalidade era analfabeto, pois, àquela época, saber ler e escrever era um luxo desnecessário. A mulher era sempre colocada em segundo plano. O povo era crente, místico, supersticioso, religioso e apegado a Cristo, reconhecendo-o como Deus. Era dividido em castas bem definidas: nobres e servos. O Cavaleiro era um título, um grau e também uma virtude. O Cavaleiro Medieval vivia sob um código rígido de valores: Honra – Lealdade – Coragem – Bravura - Dever e Temor a Deus.

A Terra, era um bem por excelência, que dava a seu proprietário: riqueza - posição – prestígio e poder.

O *Cavalo*, era a mais orgulhosa das possessões. Era um dos principais bens da classe nobre. O Cavaleiro armado era a mais importante força tática nos campos de batalha. A guerra era para o Cavaleiro o símbolo supremo. O paraíso estava reservado àqueles que morriam combatendo no Campo de Honra.

2. O SISTEMA FEUDAL REINANTE

O Feudalismo no Séc X era um sistema Sócio-Político bem aceito na Europa. Era baseado no direito hereditário concedido pelo Suserano ao Vassalo, o que tornava a propriedade um bem inalienável. Era uma forma de governo rígida e de obrigações recíprocas. Os Duques – Condes e Barões, detentores dos Feudos e seus Vassalos, eram praticamente independentes, mas tinham certas obrigações com seu Senhor – O Rei – a quem deviam obrigações como prestar 40 dias de serviço militar por ano, com homens e equipamentos, ou enquanto durasse a guerra; ajudar financeiramente no esforço de guerra ou no pagamento de resgates; duelar nas justas; participar dos serviços do Conselho do Reino – Parlamento e Corte; alojar seu senhor quando este atravessava suas terras.

Esses grandes senhores feudais nem sempre cumpriam com suas obrigações para com o Rei. Viviam em constantes disputas pela posse de terras, o que tornava os Reinos Europeus Ocidentais fracos, anárquicos e difíceis de governar. Por outro lado, com o Feudalismo, começou a surgir um outro tipo de desenvolvimento. Ao redor dos castelos e fortalezas começaram a se formar ajuntamentos de casas e choupanas que deram origem aos Burgos, que eram protegidos e incentivados pelos senhores feudais. Esses novos tipos de servos começaram uma incipiente indústria de manufaturados dando origem a uma nova classe social: a Burguesia.

3. A FÉ CRISTÃ.

No Séc X havia uma única unidade religiosa na Europa – A Fé Cristã.

O Cristianismo se impôs às demais crenças quando, segundo o Novo Testamento, Jesus ensinou que todo homem era constituído de um *Corpo* e de uma *Alma*, e que alma viveria eternamente no Reino de Deus, depois da morte do corpo. Esta foi a “Pedra de Toque” para a conversão da Europa Ocidental ao Cristianismo. Essa colocação transcendental feita por Jesus Cristo, resolveu o grande trauma e medo que o povo tinha pela morte, dando uma nova visão espiritual às pessoas comuns ao falar da igualdade de todas as Almas no Reino do Céu. A Igreja pregava a existência de um Deus que dirigia tudo e governava todos. Um Deus Senhor dos destinos do homem durante a vida e após a morte.

Essa visão mística divina tornou a era medieval uma época de grande apelo religioso, em que o povo era mais crente que o próprio clero.

4. A AUTORIDADE INCONTESTE DA IGREJA MEDIEVAL

Àquela época, SEC X, a ciência era inteiramente revelada pelas escrituras sagradas e nada, nem ninguém, ousava contestar a exatidão das revelações bíblicas. O clero era, praticamente, o único seguimento da sociedade medieval com conhecimento da escrita, detendo, portanto, o monopólio da verdade. A Igreja, com suas leis próprias era um Estado dentro do Estado.

Ela recrutava seus membros na nobreza e junto ao povo. Era a força civilizadora e moderada, porém, coberta de privilégios que eram reconhecidos e respeitados tanto pelos nobres como pelos servos. A Igreja, à época, era o único segmento que desempenhava um papel social, pois ela controlava as abadias, escolas, hospitais e hospícios. Os padres e monges, mais intelectualmente capazes, ocupavam funções de destaque junto aos senhores feudais e nas cortes como confessores e conselheiros, aumentando ainda mais o poder e influência do clero. As mulheres podiam se tornar religiosas desde que ficassem enclausuradas nos mosteiros. O povo gostava das freiras e monjas, até mais que dos próprios padres.

A Igreja, entretanto, sábia e perspicaz como sempre, mantinha cautela ao lidar com a nobreza que era a detentora da última razão dos Reis – as armas.

5. A ABADIA DE CLUNY

Em 909 DC, o Duque de Aquitânia, por remorso de um crime cometido, decidiu fundar um mosteiro. O local escolhido foi na aldeia de Cluny, no vale do rio Loire. A abadia foi construída em estilo românico pelos monges beneditinos, sendo consagrada no ano de 914 DC.

A abadia cresceu, tornou-se rica, famosa e importante, sendo que seus abades eram escolhidos na fina flor da nobreza clerical. No ano de 948 DC foi criado na abadia um Seminário, aumentando ainda mais sua importância cultural. Em 994 DC o abade Odilon, um sábio, agregou em seu complexo uma Escola de Estudos Superiores. Respeitada, famosa e rica, foram construídas, fora de seu complexo, a Cluny II e posteriormente a Cluny III, que era a maior Igreja da cristandade na Europa Ocidental, com 160 metros de comprimento e 30 metros de altura. O discípulo mais importante surgido dos bancos acadêmicos da Abadia de Cluny, foi Otto De Chantillon. Era um nobre nascido naquela região. Após seus estudos acadêmicos na Abadia, resolveu ser religioso, tornando-se Padre Beneditino em Cluny.

Era um homem extremamente inteligente, fluente em alemão, latim e italiano além do francês. Era um orador hábil, com grande poder de convencimento e retórica, além de um aspecto físico invejável por sua altura e aparência. Era, no entanto, um homem de hábitos simples.

Foi durante muito tempo professor da Escola e do Seminário de Cluny, onde era respeitado e admirado pelos seus alunos, Irmãos, superiores e, principalmente, pelo povo da região. Por seus méritos, foi nomeado bispo de Óstia pelo Papa.

6. A ORDEM DOS CAVALEIROS DE CLUNY - 1079

A fina flor da nobreza Européia Ocidental composta de Duques, Condes e Barões, grande parte deles ex-alunos do agora Bispo de Óstia – Otto De Chantillon - empolgados pelo poder e fortuna da Igreja Cristã, como também pela abertura intelectual privilegiada adquirida nos bancos acadêmicos da Abadia de Cluny, resolveram fundar a *Ordem dos Cavaleiros da Abadia de Cluny*. Essa Irmandade teria como finalidade as seguintes metas:

- criação de uma fraterna intelectualidade aristocrática;

- fortalecimento dos Ducados, Condados e Feudos;
- por termo às guerras entre os senhores feudais;
- melhorar a produtividade na agricultura;
- comercializar os produtos produzidos no território da Irmandade.

Todos os anos, no castelo de um desses grandes senhores, os Cavaleiros da Abadia de Cluny se reuniam em congresso que durava de 10 a 15 dias.

Discutiam problemas políticos, econômicos e militares de seus feudos. Os últimos dias do congresso eram destinados à discussão de assuntos religiosos. A visão teológica dos Cavaleiros da Abadia de Cluny era toda baseada na Bíblia Sagrada e nos fundamentos e dogmas da Igreja.

Num desses Congressos realizado no Bispado de Óstia, sob a coordenação do agora Bispo Otto De Chantillon, surgiu uma questão sobre a “*Universalidade de Deus*” que ficou conhecida como a “*dúvida de Saint-Gilles*” que era o Conde de Toulouse.

O Bispo Otto recomendou que o assunto fosse estudado, seriamente, por cada um dos membros da Confraria, e fosse colocado em discussão, novamente, no próximo congresso. O Duque de Lorena - Godofredo de Bouillon, fazia parte dessa Confraria.

7. A PRIMEIRA CRUZADA

Em abril de 1088 o Bispo de Óstia – Otto De Chantillon - foi eleito Papa, tornando-se Sua Santidade Urbano II.

Seus Irmãos da Ordem dos Cavaleiros da Abadia de Cluny, tinham agora um confrade como Papa e guia religioso.

O Séc X terminava com uma Europa em grande desenvolvimento, mas cheia de problemas crises.

As atividades industriais artesanais davam seus primeiros passos mediante a implantação de artesanato em ferro, couro, madeira e têxtil nas cidades da Europa Ocidental.

Por outro lado, surgia, também, um grande e desordenado aglomerado humano de um proletariado faminto, que vivia em condições mais precárias que os servos da terra.

À mesma época, os Turcos Otomanos expandiam seus territórios por todo Oriente Médio e agora pressionavam o Império Bizantino, ocupando territórios que incluía a Palestina com todos os lugares sagrados do Cristianismo.

O Papa Urbano II, líder de todos os Senhores da Ordem dos Cavaleiros da Abadia de Cluny, também confessor do Rei de

França e amigo de Reis e nobres de toda a Europa, era uma pessoa muito bem informada sobre a conjuntura do mundo de então. Homem de grande inteligência e sensibilidade política, sabia dos enormes problemas sócio-econômicos da França e de toda a Europa, como também, do perigo de uma invasão Turca que rondava o Império Bizantino. Urbano II, partindo da premissa que os Muçulmanos na Galiléia impediam o acesso dos peregrinos aos lugares Santos e desrespeitavam o maior símbolo do Cristianismo e da Igreja Cristã que era o Santo Sepulcro de Cristo, mobilizou a Europa com seu apelo, conseguindo, a um só tempo, socorrer o Império Bizantino, como também, desafogar a Europa de milhares de bocas famintas, bem como, reunir os Cristãos, Gregos e Latinos, em uma Força Militar para a libertação da Terra Santa. Era uma jogada diplomática extremamente hábil, pois, entre outras coisas, dava uma trégua na guerra destrutiva que ocorria entre os Cristãos nos Feudos Europeus.

O Papa Urbano II, convocou os Cavaleiros guerreiros de toda Europa a canalizar suas energias para uma expedição que devolvesse a Terra Santa à cristandade e, vinculou, explicitamente, essa atividade bíblica aos benefícios tradicionais da peregrinação. Em sua proclamação, no final do concílio realizado em Clermont D'Auverne ou Ferrand, o Papa, em um discurso inflamado, emocionado e às lágrimas, dirigido a Reis, Nobres e Servos em multidão, disse:

“Aquele que for para a Terra Santa e perder a vida durante a viagem por terra ou por mar, ou em peleja contra os infiéis, sejam-lhe, nesta hora, lhes perdoados todos os pecados, em virtude do poder que pelo mesmo Deus, nosso Senhor, me foi concedido. Quem até hoje viveu em criminosa inimizade contra seus Irmãos crentes, voltem suas armas contra os infiéis e levem à sua conclusão vitoriosa a guerra que deveria ter se iniciado há muito tempo. Quem foi até hoje bandido, faça-se soldado; quem se fez mercenário por um punhado de moedas, mereça agora o prêmio eterno; quem dissipou suas forças com grave prejuízo do seu corpo e de sua alma, empregue-as agora e ganhe dupla recompensa.”

Por obra e graça do poder Pontifício, os leigos de todas as procedências sociais voltavam a ter como ganhar o Céu pelo caminho mais rápido - o atalho oferecido pelo Papa.

A novidade de um vínculo tão claro entre a salvação e a Guerra Santa, dominou a imaginação da Europa. Um dos gritos de guerra entre o povo que mais se ouvia era: “Dieu lo Volt’ – Deus o Quer. O Papa fez de uma cruz de pano cor vermelha o símbolo da cruzada, para ser costurada na roupa de cada um. Comprometeu com um juramento solene todos aqueles que concordavam em partir. Quem não cumprisse com o juramento estava fadado à condenação espiritual e sua alma a queimar eternamente no fogo do inferno.

O Papa, mais uma vez, solicitou auxílio de seus Irmãos Cavaleiros da Ordem da Abadia de Cluny para compor o Comando dos diversos exércitos cruzados. Godofredo De Bouillon - Duque de Lorena - seu discípulo na Abadia, foi escolhido para Comandante Militar da Cruzada e o Bispo de Puy – Ademar De Monteil, também seu ex-aluno, foi escolhido para Delegado Pontifício da Cruzada. O próprio Papa prendeu a cruz dos Cruzados nas vestes do Bispo.

O papa Urbano II, conseguiu juntar em torno da Cruzada, além da elite militar franco-normanda – Cavaleiros guerreiros despojados de valores materiais, e os nobres mais ricos e poderosos da Europa.

PEDRO E SEU BURRO

Eremita pregador, fanático religioso de grande influência popular, percorria as cidades, montado em um burro, incitando o povo a se revoltar contra os infiéis do Islã e participar da cruzada santa promovida pela Igreja.

Seus seguidores foram massacrados e quase dizimados pelos Turcos, antes de chegar a Constantinopla.

A CULTURA ORIENTAL EM BIZÂNCIO

Constantinopla - Capital do Império Bizantino - tinha uma população de aproximadamente 500.000 habitantes, vivendo com relativo conforto em casas de alvenaria dentro de suas muralhas duplas. Tinha uma Universidade fundada em 330 DC. Era a Capital monetária do mundo medieval. Tinha o maior porto do planeta.

Os Europeus Ocidentais ficaram deslumbrados.

Os Cavaleiros Cruzados da Abadia de Cluny, ao tomarem contato com aquela brilhante civilização, ficaram maravilhados com sua cultura, arquitetura, arte e literatura e pelo prestígio da sua Universidade.

Movidos pela contínua busca da sabedoria, os Cavaleiros da Abadia de Cluny travaram conhecimento com os diversos escritos científicos dos mais antigos sábios da Grécia e com os escritos religiosos dos diversos povos do Oriente, além de copiarem toda a sorte de registros gráficos:

- **Forma esférica da Terra;**
- **Geometria de Pitágoras;**
- **Aritimética dos Árabes;**
- **Leram a Bíblia original escrita em grego, hebraico e latim, descobrindo passagens ignoradas pelos cristãos latinos;**
- **Traduziram para o latim, o Alcorão, a Tora e a Cabala dos Judeus;**
- **Conheceram o Poema budista RAMAYAMA;**
- **Conheceram a doutrina de Confúncio;**
- **Conheceram as obras de Hermes Trimegista.**
- **Conheceram o “CAIBALION” – Livro da Sabedoria escrito por HERMES TRIMEGISTA 2700 anos AC. Hermes foi o pai das ciências ocultas, fundador da Astrologia e descobridor da Alquimia.**

Ao deixarem Constantinopla a caminho da Terra Santa os Cavaleiros da Abadia de Cluny tinham visto e aprendido assuntos em todas as áreas do conhecimento. Entenderam a importância do conhecimento tanto para o homem comum como também para os dirigentes políticos.

Concluíram que a vontade política é maior que a militar e que a relação entre mandatário e súdito deve ser norteada pela justiça e bom senso.

Constantinopla mudou sensivelmente a convicção religiosa dos Cavaleiros da Abadia de Cluny.

Sua visão teológica, após os estudos do ocultismo de Hermes, do Judaísmo e do Islamismo, tornou-se universalista. Sua ótica filosófica tornou-se eclética.

Depois do contato com a cultura Bizantina, os Cavaleiros da Ordem da Abadia de Cluny descobriram, extasiados, que tinham vivido nas trevas da ignorância.

08. A TOMADA DE JERUSALÉM

Em 15 de Julho de 1099, Jerusalém foi tomada de assalto pelas tropas cruzadas, após um prolongado e sofrido cerco que culminou com um brutal massacre de seus habitantes, efetuado pelos conquistadores cruzados, quando foram mortos, em 3 dias de intensos combates, mais de 20.000 árabes e judeus, incluindo velhos, mulheres e crianças. O sangue corria pelas calçadas de Jerusalém como uma enxurrada, após uma chuva intensa. Os árabes nunca esqueceram esse dia fatídico.

À partir daquela data, ficou fora de cogitação a possibilidade das três religiões monoteístas – Judaísmo – Cristianismo e Islamismo -, conviverem pacificamente no Oriente. Aquele episódio fanatizou os muçulmanos, decepcionou os judeus que permaneceram na cidade e transformou o Cruzado ocidental em um obstinado defensor dos lugares Santos.

Nos anos que se seguiram após a derrota dos Muçulmanos e a captura da Cidade Santa de Jerusalém pelos Cruzados, foram criados 4 Estados Latinos nos diferentes territórios conquistados, que ficaram conhecidos na Europa como Estados de “Outremér” ou ultramar.

Era o principado de Antioquia ao Norte; o Condado de Edessa a Leste; o Condado de Trípoli ao Sul e o Reino de Jerusalém, mais ao Sul, entre Beirute e Gaza.

O Reino de Jerusalém coube a Godofredo De Bouillon, chefe militar da primeira cruzada, que se recusou a ser coroado Rei onde Cristo recebera uma coroa de espinhos aceitando, porém, o título de “Defensor do Santo Sepulcro”, com as prerrogativas de Rei.

Com a notícia da vitória dos Cruzados na Palestina, aumentou o fluxo de peregrinos a Jerusalém em visita aos lugares santos para expiar seus pecados, conforme exortava a Igreja à época:

- Igreja do Santo Sepulcro.
- Casa de Simeão(Cama da Vigem Maria e Berço de Jesus).
- Casa onde nasceu João Batista.
- Poço onde Maria e José se encontraram com Jesus.
- Poço onde José do Egito fora jogado por seus irmãos.

A partir do desembarque no Porto de Jafa ou Cesaréa e durante o percurso até Jerusalém, os peregrinos eram assaltados, mortos ou aprisionados pelos saqueadores Sarracenos ou bandoleiros Beduínos, que viviam em cavernas na região, ao longo do caminho.

A defesa e Segurança dos Estados Latinos e a proteção dos Portos Mediterrâneos era difícil e insuficiente devido à escassez de tropas treinadas e disponíveis.

Grande parte dos Cruzados da primeira campanha retornou à Europa para suas propriedades e famílias, por terem entendido que já haviam cumprido com seu dever para com a Igreja e assegurado a salvação de suas almas, mas, também, por já terem abocanhado sua parte no butim.

No ano de 1.100, morre Godofredo De Bouillon, assumindo como novo Rei de Jerusalém seu irmão Balduíno de Boulogne.

Em 1.104 chega à Terra Santa o Conde de Champagne, com um grande contingente de Cavaleiros. O Conde era um nobre profundamente religioso, mas muito infeliz no casamento por sua mulher lhe ser infiel e não ter certeza se era realmente o pai de seu filho.

Entre seus vassalos estava um Cavaleiro chamado Hugo De Payens, que era seu parente e administrador de seus bens. Em 1.108, após 4 anos de militância na Palestina, o Conde de Champagne regressa à França, porém retorna novamente em 1.114, para mais um período de permanência na Terra Santa. Acompanha-o, novamente, o Cavaleiro Hugo De Payens.

09. O SURGIMENTO DA ORDEM – 25 DEZ 1.119

Depois de algum tempo o Conde de Champagne resolve regressar para sua casa na França, porém, desta vez, Hugo De Payens e mais oito Cavaleiros decidem permanecer na Terra Santa e propõem ao Rei Balduíno e ao Patriarca de Jerusalém, a organização de uma Comunidade de Cavaleiros que seguiria a Regra de uma Ordem Religiosa, mas se devotaria à proteção dos peregrinos em visita aos lugares santos.

A proposta foi de imediato aprovada pelo Rei e pelo Patriarca de Jerusalém, e, no dia de Natal do ano de 1.119, na Igreja do Santo Sepulcro, o Cavaleiro Hugo De Payens e seus 8 companheiros, todos Cavaleiros, fizeram votos de Pobreza – Castidade e Obediência, perante o Patriarca e todo o Clero local. Eles chamaram a si mesmos de “Pobres Soldados de Cristo”. Escolheram como Padroeira, a mãe de Deus – Nossa Senhora (La Mère de Dieu, combinação de Piedade e Valores Morais. O Rei de Jerusalém – Balduíno II, lhes concedeu vários benefícios e instalou-os na Mesquita de Al Aqsa, que fora transformada em Palácio, situada no lado Sul do Monte do Templo ou Templo de Salomão, conforme era chamado pelos Cruzados.

Assim foi fundada aquela que se tornaria a mais rica, famosa e poderosa Ordem de Cavalaria ou Monges Guerreiros, da Idade Média. Estranhamente, durante seus nove primeiros anos após a criação, a Ordem permaneceu silenciosa em suas instalações, pouco se sabendo de suas atividades.

Em 1.126, por sugestão do Rei Balduíno II, Hugo De Payens liderou um pequeno grupo de Cavaleiros para aconselhar-se com o Papa Honório II. Os arranjos foram feitos pelo Monge Beneditino Bernardo de Clairvaux, homem de grande inteligência e perspicácia, bastante influente junto ao papado e, também, sobrinho de André de Montbard, um dos oito Cavaleiros fundadores da Ordem. O Papa Honório recebeu-os gentilmente, porém os encaminhou a um Concílio da Igreja que se realizaria em Troyes em 1128. O Concílio, influenciado por Bernardo de Clairvaux e antecipando um grande futuro àqueles abnegados e destemidos Monges Guerreiros, aprovou a Ordem e determinou ao Monge Bernardo que preparasse um projeto de Regra a ser

seguida pela nova Ordem. O Regulamento deveria ser áspero e ascético, evitando a luxúria, a ostentação e os prazeres mundanos. Até a caça seria proibida. A princípio somente homens de alta estirpe seriam admitidos na Ordem. Um Manto Branco com uma cruz vermelha de oito pontas distinguiriam o Cavaleiro Templário.

O alto clero percebeu as vantagens de ter, sob sua tutela, uma força militar combativa que pudesse manter os interesses do poder Cristão nos lugares Santos, como também as conquistas Cristãs no Ocidente e que ainda garantisse a segurança dos peregrinos.

10. A ASCENSÃO VERTIGINOSA DA ORDEM

O interesse pela Ordem demonstrado pela Igreja e pelo Reino de Jerusalém, atraiu adeptos importantes como o Cavaleiro Fulk – Conde de Anjou - que mais tarde seria o Rei de Jerusalém. Outros candidatos importantes seguiram o exemplo. Compraram-se propriedades e um fluxo de doações teve início. Todos prestavam o juramento de fidelidade à Ordem:

“ Juro consagrar minhas palavras, minhas armas, minhas força e minha vida em defesa dos mistérios da fé cristã e da unificação de Deus. Prometo, outrossim, ser submisso e fiel ao Grão-Mestre. Toda vez que for necessário, passarei o mar para combater e darei socorro contra os Reis e Príncipes infiéis. Na presença de três inimigos, não fugirei e, mesmo sozinho, combaterei”

Com todas as prerrogativas que lhes foram concedidas e os encargos que lhes foram atribuídos, a Ordem dos Cavaleiros Templários tornou-se uma das mais poderosas Organizações Militares do mundo medieval.

Não resta a menor dúvida de que o apoio de Bernardo de Clairvaux (São Bernardo) à Ordem dos Cavaleiros Templários foi de fundamental importância para sua expansão. Os Templários o consideravam como o “Pai da Ordem”. Foi ele quem abriu as portas do papado, conseguindo que o Papa Honório II lhes concedesse existência Oficial em 1128; que o Papa Inocêncio II com a Bula “Omne Datum Optimum” em que eles ficavam subordinados unicamente ao Papa; que o Papa Celestino II com a Bula “Milites Templi” concedendo-lhes indulgências, isenção de impostos e dízimos, além de permissão para que coletassem dinheiro em

suas Igrejas uma vez por ano; que o Papa Eugênio III, amigo de São Bernardo, promulgasse a Bula “Milita Dei” que dava à Ordem o direito de construir suas próprias Capelas, independente da autoridade diocesana, e enterrar seus mortos nos cemitérios dessas Capelas. Esse mesmo Papa lhes concedeu o privilégio de usar a cruz vermelha de oito pontas sobre seus mantos brancos. Do apoio Papal dependia a sobrevivência da Ordem, e, quando lhes faltou esse apoio, a Ordem começou seu declínio, não tanto exclusivamente pela falta desse apoio, mas pelo arrefecimento do ideal da cristandade em reconquistar Jerusalém.

11. O AUGES GLORIOSO DA ORDEM

A Ordem dos Cavaleiros Templários foi a mais poderosa organização militar e empresarial do mundo medieval, com vasto apoio político e financeiro do papado, como também de muitos outros reinos e nobres poderosos.

Em pouco tempo a organização militar da Ordem superaria qualquer outro exército medieval europeu, possuindo mais castelos que muitos reinos, graças às suas conquistas, tornando-se a instituição mais rica da Europa, depois da Santa Sé, considerando, principalmente, os butins e saques de guerra.

Não foi apenas nos combates que a Ordem dos Cavaleiros Templários se notabilizou. Ela era, também, extremamente empreendedora nos mais diversos estilos de negócios. Com os cofres de seus castelos sempre abarrotados de ouro e sua frota mercante singrando os mares do oriente e ocidente, os Cavaleiros Templários foram os primeiros e mais famosos banqueiros da Europa. Vastas quantidades de ouro deixavam seus cofres para serem gastas por nobres de todos os escalões. Reinos poderosos como os da França e Inglaterra e até a própria Santa Sé, chegaram a dever para a Ordem dos Cavaleiros Templários.

Valorosos no combate corpo a corpo e organizados na defesa e no ataque, os Cavaleiros Templários eram os responsáveis por salvar reis e nobres cruzados inexperientes das garras dos guerreiros do Islã. Os Cavaleiros Templários foram a primeira força militar internacional de intervenção, uniformizada e permanente do mundo ocidental, auto sustentada por uma complexa e poderosa corporação multinacional, que prosperava, cada vez mais, com a administração rigorosa de seus bens e o pioneirismo

das operações bancárias internacionais. Os Cavaleiros Templários se tornaram banqueiros e agentes de crédito da Europa Medieval, sendo grandes aliados de Reis e Papas, desempenhando um papel fundamental para o sucesso das campanhas empreendidas pelas cruzadas.

À exceção dos reinos do norte, não havia nenhuma outra parte da Europa medieval em que a Ordem do Templo não estivesse estabelecida. Havia Igrejas, capelas, dízimos, fazendas, vilarejos, moinhos, direitos de pastagem, direitos de pesca e de exploração de madeira. Tinham o direito de realizar feiras anuais e receber impostos. O número de suas preceptorias, por um cálculo mais moderado, chegava a 9.000 propriedades, com uma renda anual de cerca de 6.000.000 (milhões) de esterlinas, o que era uma quantia fabulosa para aquela época.

Operações Financeiras da Ordem do Templo

- Financiar peregrinações entre o Ocidente e o Oriente;
- Agentes de pagamentos de resgates;
- Transferência de fundos para a Terra Santa para os gastos de guerra dos Cruzados;
- Coletores de impostos para o papado e reinos;
- Utilização de uma economia eminentemente monetarista;
- Produção agrícola em grande escala em suas propriedades no Ocidente destinadas à exportação;
- Economia monetária de dinheiro vivo: dinares de ouro árabe, hipéperas bizantinas e drácmas de prata;
- Feudos, taxas de mercado, impostos alfandegários, rendimentos feudais, tudo em dinheiro;
- Para maior eficácia nos negócios, aprenderam a língua árabe, treinaram especialistas em assuntos muçulmanos e adaptaram as vestimentas para facilitar o trânsito;
- Criação de frota naval própria para transporte de peregrinos, gêneros e especiarias entre o Ocidente e o Oriente;
- Especializaram-se em atividades combinadas de financistas, mercadores e exportadores;
- Confisco de propriedades como pagamento de empréstimos contraídos;
- Cobradores de dívidas e dízimos devidos ao papado;
- Influência política em reinos como França, Inglaterra, Alemanha, Espanha, Portugal e Roma, como conselheiros econômicos, tesoureiros reais, guardas de tesouros, assessores militares, além de presença constante nas altas cortes européias disputando prestígio com reis e alta nobreza.

Além de seu poderio financeiro, a Ordem dos Cavaleiros Templários abrigava em seu seio um seleto grupo de Cavaleiros que detinham conhecimentos que rivalizavam e, em alguns casos, até superavam os das Universidades da época, graças aos seus contatos constantes com outras culturas como a muçulmana, a Judaica, a Grega, a da Pérsia e da Índia, através do comércio que realizavam entre as caravanas, nas cidades e no transporte marítimo, o que possibilitava o aprofundamento dos conhecimentos místicos e técnicos. Mais civilizados que seus conterrâneos, os Cavaleiros Templários eram o fruto do melhor da nobreza européia com o amálgama civilizador do melhor da cultura Oriental.

As Cruzadas e os Cavaleiros Templários inauguraram no Oriente uma era de espetáculos bélicos, com batalhas sangrentas e cruéis contra os guerreiros do Islã, ambos em defesa de sua fé e em nome de seu Deus. Um guerreiro Templário deveria ser piedoso, afável e solícito para com seus irmãos de armas e implacável contra os inimigos de Cristo, preferindo a morte à desonra. Havia entre os contendores o fascínio pela violência e pela glória. Ali estão, talvez, os antecedentes dos atuais extremismos e conflitos bélicos no Oriente, porque, naquelas disputas, estão presentes duas forças decisivas da história da humanidade: a religião e a guerra.

Por quase dois séculos os Templários garantiram a presença Cristã no Oriente próximo e seriam um constante espinho na garganta do poderoso, culto e civilizado mundo Islâmico.

A bem da verdade, o que mantinha a Ordem dos Templários sempre ativa, era justamente a constante ameaça dos Mouros na Terra Santa. A presença Cristã na Palestina levava sempre os muçulmanos a se organizarem e voltar a atacar os domínios Cristãos. Em contrapartida, a cristandade medieval sempre recorria aos Templários que, da mesma forma, sempre se reorganizavam e voltavam a atacar os “infiéis”. Os Templários lutaram também na própria Europa, em campanhas para expulsar os Mouros que ocupavam a Península Ibérica e outros inimigos da Igreja de Roma, como os Cátaros Albigenses.

12. QUEDA DA ORDEM

Após a 3ª Cruzada, a existência da Ordem começou a ser questionada. Financeiramente ela continuava a prosperar em bens circulantes e propriedades por toda a Europa e Oriente, porém, seus feitos militares começaram a diminuir a cada dia, passando a despertar a ojeriza do próprio papado e a enfrentar a ira e cobiça da realeza, como também a inveja e a irritação dos bispos, em face dos inúmeros privilégios concedidos aos Templários pelos diversos Papas.

Por outro lado, o interesse pela Terra Santa já não exaltava mais as paixões. Os Reis estavam mais preocupados em dominar seus nobres que viviam guerreando entre si e organizar seus reinos, via de regra falidos pela guerras. Os papas se preocupavam mais com suas finanças do que com a situação da cristandade, e com o Rei de França após terem sido prisioneiros em Avignon.

Em pouco tempo a Ordem dos Templários começou a tornar-se inconveniente a determinados interesses da cristandade do que para defende-la dos infiéis.

Seu enorme poder desafiava a autoridade de Reis; seus conhecimentos rivalizavam e superavam os de qualquer Universidade da época, graças a seus contatos constantes com Gregos e Muçulmanos.

Como se toda essa superioridade não bastasse, os Templários ainda eram a maior fortuna da Europa, não somente física como também virtual, pois as dívidas dos Reinos Cristãos com a Ordem chegavam a somas absurdas.

13. O JULGAMENTO E SUPRESSÃO DA ORDEM

Por serem a maior, mais temida e mais rica das Ordens Militares, os Cavaleiros Templários atraíam não só a admiração, como também, a desconfiança, a inveja e a cobiça tanto do clero devasso quanto da nobreza pervertida. Por outro lado, por ser a Ordem dos Cavaleiros Templários dona de tamanha fortuna e poder, cujos membros eram descendentes das mais nobres casas da cristandade medieval, considerados os campeões escolhidos de Cristo e a flor dos Cavaleiros Cristãos naqueles tempos tão levianos como foram os séculos XII e XIII,

os Templários não conseguiram escapar aos vícios da luxúria extravagante e do orgulho exacerbado.

Não demorou muito para que um Rei perdulário, vaidoso e arrogante, voltar seus olhos cobiçosos para a Ordem. Felipe IV – O Belo – Rei de França, neto de Luiz VII (São Luiz). Ele foi o Inquisidor, o Juiz, o Júri e o Carrasco dos Templários. Um Rei com uma necessidade sem igual de afirmar seu poder perante seus pares. Falido em suas finanças e na organização de seu Estado, desesperado para recuperar aquilo que nunca tivera, que era o respeito e a autoridade real.

Esse era o perfil do homem que acabou com a Ordem dos Templários em 13 de Outubro de 1307, uma sexta-feira de noite escura e chuvosa, quando seus agentes prenderam os Cavaleiros Templários por toda a França sob a mais diversas acusações, tais como: heresia, prática de magia negra, pederastia e idolatria etc. Os Cavaleiros presos foram torturados brutalmente para confessarem os crimes que lhes eram imputados, sendo alguns condenados à prisão perpétua e muitos condenados à morte na fogueira. Seus bens foram confiscados e os familiares excomungados. Os Cavaleiros que conseguiram escapar procuraram abrigo em outras Ordens Monásticas para fugir das garras da Santa Inquisição.

A Ordem dos Cavaleiros Templários foi suprimida, oficialmente, pelo Papa Clemente V, no dia 22 de março de 1313, em um concílio realizado em Viena, que durou cerca de dois anos.

Aspectos Secretos da Ordem do Templo

- Foram descobertos documentos que indicavam as verdadeiras origens do Cristianismo, os quais a Igreja providenciou rápida mente para que desaparecessem;
- A Ordem, aos poucos, foi rechaçando o dogma da divindade de Jesus, voltando-se para um Deus único comum aos Judeus, ao Islã e aos Cristãos;
- No seio da Ordem se constituiu uma Sociedade Secreta Interior, com chefes ocultos, para estudos esotéricos e objetivos confidenciais;
- Na segunda metade do Sec XII, a Ordem do Templo sofre uma grande mudança espiritual em numerosas Comendadorias. A causa, sem dúvida, foi a descoberta pelos Cavaleiros Templários de manuscritos escondidos em povoações da Terra Santa, por meio de misteriosas conversações mantidas pelos Cavaleiros Mestres Secretos da Ordem, com sábios

árabes, cabalistas judeus, perfeitos cátaros, demonstrando que a verdadeira face de Jesus era muito diferente daquela contada pela bíblia.

- Jacques De Molay, que segundo alguns autores era iletrado, ainda assim, mandou que fossem recolhidos todos os arquivos da Ordem, principalmente as Regras das Comendadorias, pouco antes da invasão geral e prisões ordenadas pelo Rei Felipe IV .

- Roncelin De Fos – Mestre Secreto da Ordem, segundo alguns autores, teria sido o introdutor da “negação a Cristo” como parte do Ritual de Admissão à Ordem, como prova de convicção e obediência.

- Acredita-se que altos dignitários da Ordem, aqueles mais esclarecidos, tiveram conhecimento de documentos, ignorados na Europa, referentes à verdadeira origem do Cristianismo;

- Os Cátaros praticavam uma forma primitiva de Cristianismo, onde rechaçavam a figura do Jesus clássico da história bíblica com sua encarnação, Paixão(morte), ressurreição e ascensão.

Nesse caso, o que sobraria, então, para o Cristianismo Romano?...Nada, absolutamente...nada.]

Esse foi o caminho seguido pelos Templários, 70 anos antes da fogueira de Jacques De Molay.

14. IMOLAÇÃO DO ÚLTIMO GRÃO-MESTRE NA ESTACA - 18 DE MARÇO DE 1314

Jacques De Molay e mais três chefes Templários foram condenados pelo Tribunal Inquisitorial Eclesiástico à pena de prisão perpétua. Foi montado um palco em frente à Catedral de Notre Dame de Paris e toda a população convidada para a divulgação, com grande pompa, da sentença condenatória do Grão-Mestre. Um bispo e dois Cardeais foram os encarregados da leitura da peça. Quando o Cardeal começou a leitura das confissões que havia conseguido dos condenados, em frente ao povo e autoridades reais convidadas, o Mestre do Templo – Jacques de Molay, o interrompeu e assim falou diante de todos os espectadores, estupefatos, como testemunhas:

“É justo que, em um dia tão terrível, e nos últimos momentos de minha vida, eu desvele toda iniquidade e falsidade, e permita que a verdade triunfe. Eu declaro, portanto, diante do céu e da terra, e reconheço com grande vergonha que cometi o maior dos crimes: confessar a insensatez imputada à Ordem do Templo. Atesto, e a verdade me obriga a atestar, que a Ordem do Templo é inocente. Fiz declarações contrárias à Ordem apenas para me

susponder às excessivas dores da tortura e aplacar o ódio daqueles que me fazia sofrê-las. Sei das punições que foram infligidas a todos os Cavaleiros que tiveram a coragem de revogar as suas confissões. Mas, o medonho espetáculo que me é apresentado, não pode me fazer confirmar uma mentira com outra mentira. A vida que me é oferecida em termos tão infames, eu a abandono sem arrependimentos”

Jacques de Molay foi seguido em sua confissão pelo Preceptor da Normandia Geoffroi de Charnay

Os comissários ficaram perplexos, pararam a leitura da sentença, e mandaram rapidamente informar ao Rei Felipe do ocorrido.

O Rei, imediatamente, convocou o seu Conselho, sem a presença de qualquer membro da Igreja, e condenou os dois Cavaleiros às chamas.

Uma pilha de lenha foi erguida na ilha existente em frente à Catedral (La Ille de la Cité) (Ilha da Cidade) ou Ilha dos Judeus (Ille-des Javiaux) Jacques de Molay foi amarrado na estaca, junto com seu companheiro, e, ainda assim, persistiram em afirmar a inocência da Ordem. Jacques de Molay, nos instantes finais, pediu ao carrasco que lhe afrouxasse um pouco as cordas que lhe prendiam os braços para poder voltar seu olhar para a Catedral de Notre Dame, dedicada a Nossa Senhora, que era a Padroeira dos Templários. As chamas foram ateadas primeiro em seus pés, depois nas partes mais vitais. O cheiro fétido de carne queimada infectava todo o local, mas eles não desistiram e perseveraram nas declarações. O povo, no início tão entusiasmado, agora, de joelhos, derramava lágrimas ante a fibra daqueles Cavaleiros. À noite, companheiros, furtivamente, recolheram suas cinzas para serem guardadas como relíquia.

15. ABRIGO E PROTEÇÃO EM OUTROS REINOS

A supressão da Ordem dos Cavaleiros Templários por obra e graça do Rei de França – Felipe – O Belo, com a conivência do Papa Clemente V e a assessoria do jurista da Corte Guillaume de Nogaret, que culminou com a morte na fogueira de seu último Grão-Mestre Jacques de Molay, fez com que os Cavaleiros remanescentes que conseguiram escapar, bem como a frota Templária que se encontrava ancorada no Porto de La Rochelle, procurassem abrigo em outros Reinos, como Portugal, Escócia e

Inglaterra, cujos Soberanos ignoraram as acusações e recomendações do Rei Felipe.

16. PRESENÇA DA ORDEM NOS GRANDES DESCOBRIMENTOS

Em Portugal, abrigados na recém criada Ordem dos Cavaleiros de Cristo, instituída pelo Rei Don Dinis, os Cavaleiros Templários foram recebidos, juntamente com grande parte de sua imensa fortuna, com sua vasta experiência em navegação e perícia na utilização de instrumentos náuticos como o astrolábio e tábuas de declinação magnética que permitia calcular o norte verdadeiro do norte magnético, além da feitura de mapas de navegação astronômica que fornecia orientação pelas estrelas do hemisfério sul. Os Cavaleiros Templários foram os parceiros adequados, não só para a consolidação do território Português com a expulsão dos Mouros, mas, também, no grande empreendimento que foram as grandes navegações portuguesas e, por conseguinte, o descobrimento da “Isola de Bracill” a Oeste dos Açores

CONCLUSÃO:

Os Cavaleiros Templários cavalgaram pelo Oriente e Ocidente durante anos, décadas e séculos. Vivenciaram guerras, conquistaram cidades, libertaram países, mataram em nome de sua Fé e de uma filosofia e ideais superiores, algo que muito poucos homens, muito poucos mesmo, podem ter o privilégio de experimentar.

**“NOM NOBIS DOMINI NOM NOBIS SED NOMINI TUO DA
GLORIAM”**

“Não a nós Senhor, não a nós, mas a teu nome e tua glória”

Bibliografia Histórica:

Os Templários – Alain Demurger
Templários – Os Cavaleiros de Cristo – Alain Demurger
Templários – Françoise Terseur
Os Segredos Perdidos da Arca Sagrada – Laurence Gardner
Os Templários – Bárbara Frale
Templários em Sagres – C. Aguiar
Templários – Cavaleiros de Deus – Edward Burman
El Libro Negro de Los Templários - Laurent de Vargas
Jesus – El Secreto Mortal de Los Templários – Robert Amberlain
Les Templiers et Leurs Mysteres – Patrick Riviere
Os Templários e o Graal – Karen Ralls
O Assassinato dos Magos – Peter Partner
As Sociedades Secretas da Idade Média – Thomas Keightley
O Livro de Saladino – Tariq Ali
Auge y Caída de Los Templários – Alain Demurger
Les Heritiers de Salomon – Voyage dans L’Ordre du Temple – Lionel Jarnieux
História da Civilização – Will Durant
O Alcorão – Mansour Challita
Nascidos em Berço Nobre – Stephen Dafoe